



ESCOLA DE GUERRA NAVAL



NÚCLEO DE AVALIAÇÃO
DA CONJUNTURA

BOLETIM

GEOCORRENTE

22 de abril de 2021

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 7 • Nº 137

Cabos submarinos no epicentro das disputas hegemônicas

ESTE E OUTROS 12 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM

GEOCORRENTE

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando responder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE SILVIO LUIS DOS SANTOS

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR CHEFE

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

EDITOR EXECUTIVO

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-RIO)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

TRADUÇÃO E REVISÃO

RODRIGO OLIVEIRA DUTRA MARCÍLIO (UFRJ)

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

PESQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)

ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)

JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

ANA LAURA MARÇAL MONSORES (UFF)

BRUNA SOARES CORRÊA DE SOUZA (UNILASALLE)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (EGN)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

RAFAEL ESTEVES GOMES (UFRJ)

VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-RIO)

VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-RIO)

RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

MARINA AUTRAN CALDAS BONNY (UFRJ)

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)

THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

VICTOR MAGALHÃES LONGO DE CARVALHO MOTTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

LUIÍS FILIPE DE SOUZA PORTO (UFRJ)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MARIA GABRIELA VELOSO CAMELO (PUC-RIO)

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

GUILHERME NOVAES SILVA PINTO (UFRJ)

INDÍCE

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
Organização regional para gestão da pesca no Atlântico Sul.....	5	Intensificação da disputa entre China e EUA em torno de Taiwan	12
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		SUL DA ÁSIA	
SOUTHCOM: depoimento do Almirante Faller ao Congresso dos EUA	6	Índia e Paquistão dialogam sobre cessar-fogo: mais do mesmo?	13
Crianças desacompanhadas redesenham crise na fronteira EUA-México	7	SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
ÁFRICA SUBSAARIANA		Indonésia estreita parcerias para além da dicotomia EUA X China	
Canal de Moçambique: novo <i>hotspot</i> de insegurança marítima no continente africano	7	ÁRTICO & ANTÁRTICA	
O custo do petróleo: a pirataria e a poluição no Golfo da Guiné.....	8	Os desafios antárticos para a administração Biden	
EUROPA		TEMAS ESPECIAIS	
França: revisão da Estratégia de Segurança e Defesa Nacional atualizada	9	Cabos submarinos no epicentro das disputas hegemônicas	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....	
Economia egípcia e os obstáculos para seu crescimento.....	10	Calendário Geocorrente.....	
RÚSSIA & Ex-URSS		Referências.....	
A militarização do Mar Negro face ao escalonamento em Donbass	11	Mapa de Riscos.....	

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

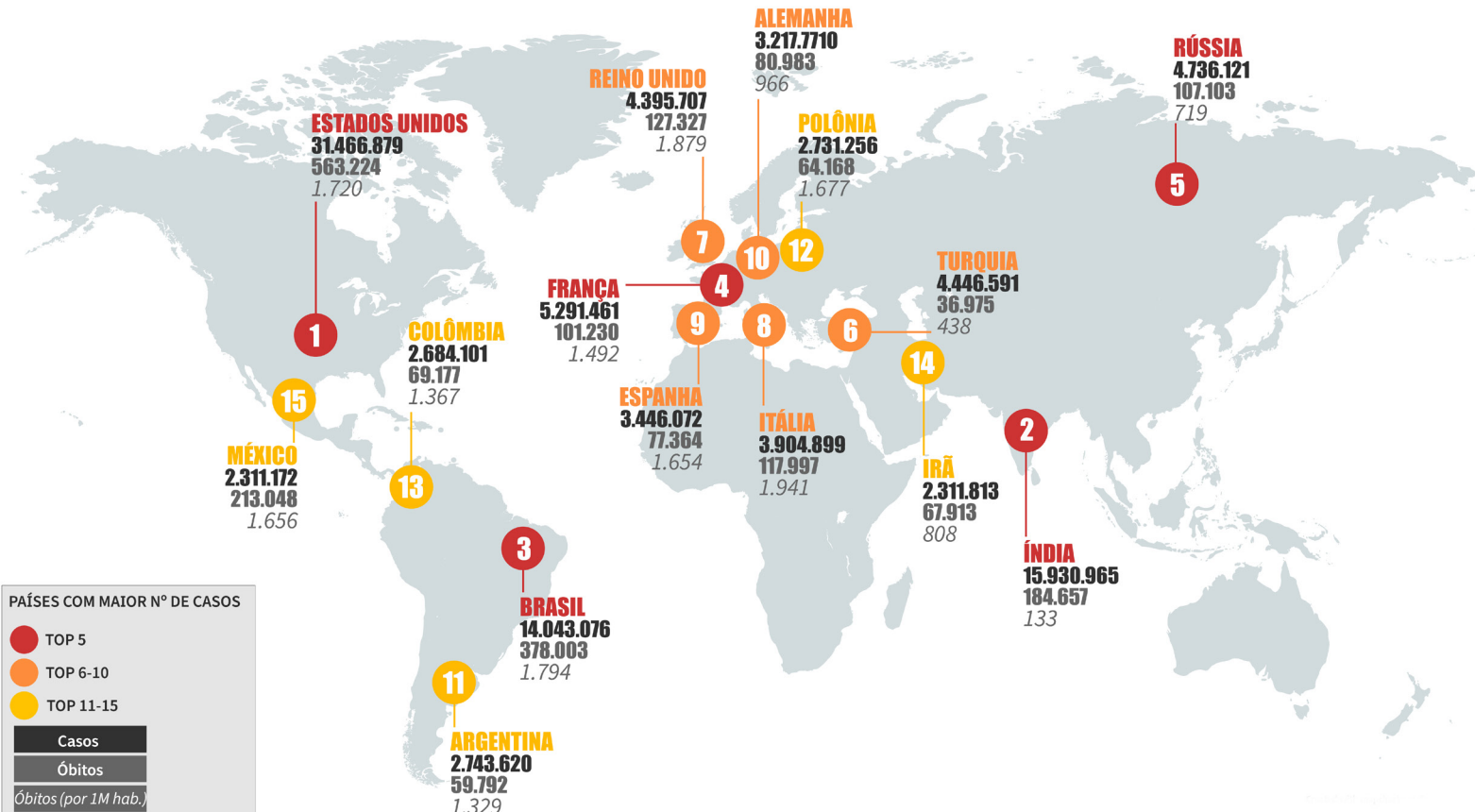
Desconsiderando a pandemia de COVID-19



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 22 de abril de 2021.



PAÍSES COM MAIOR N° DE CASOS

- TOP 5
- TOP 6-10
- TOP 11-15

Casos

Óbitos

Óbitos (por 1M hab.)

ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

PANDEMIA DA COVID-19				
Vacinação pelo mundo				
Ranking dos países com mais doses aplicadas e colocação correspondente à população vacinada				
País	Doses aplicadas*		População vacinada (%)	Vacinas
	(milhões)	(por 100 pessoas)		
Estados Unidos	215,9 (1°)	65	41 (8°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech
China**	204,1 (2°)	15	-	Sinopharm/Beijing Sinopharm/Wuhan Sinovac
Índia	129,6 (3°)	9,6	8,3 (60°)	Covaxin Oxford/AstraZeneca
Reino Unido	43,9 (4°)	66	50 (5°)	Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech
Brasil	34 (5°)	16	12 (50°)	Oxford/AstraZeneca Sinovac
Alemanha	23,6 (6°)	29	22 (26°)	Moderna Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech
Turquia	20,4 (7°)	25	15 (44°)	Sinovac Pfizer/BioNTech
França	17,8 (8°)	27	19 (32°)	Moderna Pfizer/BioNTech Oxford/AstraZeneca
Indonésia	17,6 (9°)	6,6	4,2 (72°)	Sinovac Oxford/AstraZeneca
Rússia	16,8 (10°)	12	7,3 (63°)	EpiVacCorona Sputnik V

*É contado como uma dose única e pode não ser igual ao número total de pessoas vacinadas, dependendo do regime de dose específico (por exemplo, as pessoas recebem doses múltiplas).

**O país não forneceu dados sobre o número de pessoas que foram parcialmente ou totalmente vacinadas.

Fontes: Organização Mundial da Saúde; The New York Times

Organização regional para gestão da pesca no Atlântico Sul

Carlos Silva Júnior

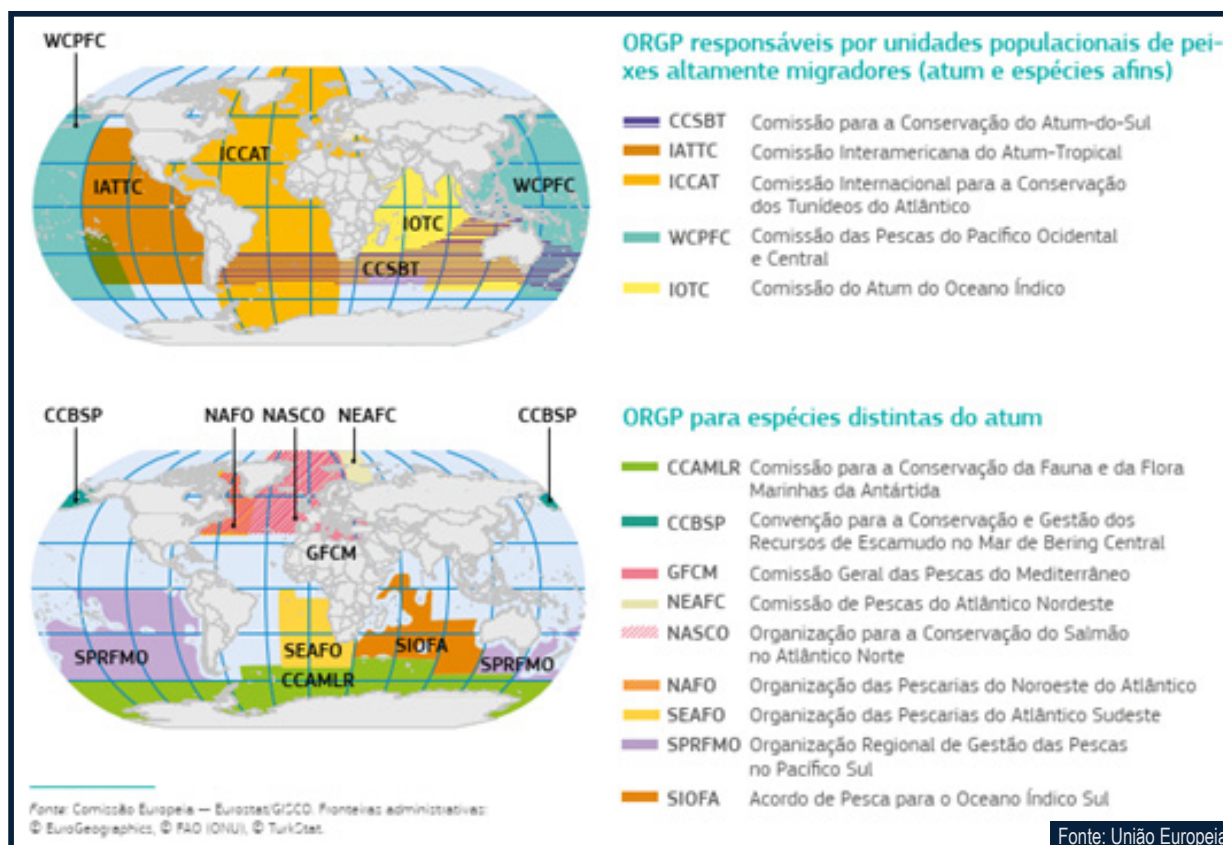
A pesca ilegal, não reportada e não regulamentada (IUU, sigla em inglês) apresenta-se como um dos grandes desafios marítimos globais. São recorrentes os casos dessa prática ao redor ou dentro da Zona Econômica Exclusiva (ZEE) dos países sul-americanos, tanto na costa pacífica quanto na atlântica, motivando a necessidade de consolidação de uma política marítima regional efetiva (Boletim 128). Nesse sentido, faz-se necessário compreender como os Estados locais respondem às possibilidades de mecanismos integrados no combate à pesca IUU.

Recentemente, o Uruguai destacou-se com a fala do diretor do departamento que trata dos recursos aquáticos (DINARA), sobre a possibilidade de constituir uma Organização Regional de Gestão da Pesca (ORGP) no Atlântico Sul. Essa entidade internacional reuniria países costeiros e interessados na regulação dos estoques pesqueiros na área ou de determinadas espécies, incluindo áreas do Alto-Mar, sendo amparado, em especial, pela Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM) e pelo Acordo de Mananciais de Peixes. Todavia, mesmo sendo o único sul-americano da costa atlântica a ratificar o Acordo sobre Medidas dos Estados do Porto, que se destina a prevenir, impedir e eliminar a pesca IUU, o Uruguai não o implementou integralmente,

o que favorece o uso do Porto de Montevidéu como ponto logístico para pesqueiros ilegais.

Assim, apesar de manifestar um diálogo avançado com o Brasil, a proposta já conta com a recusa argentina. Isso pode ser um reflexo tanto da percepção de incoerência do Uruguai, relacionado ao uso do porto de Montevidéu pelos pesqueiros que circundam a ZEE argentina, como pelo temor de reforçar a presença do Reino Unido nas Malvinas, uma vez que o arquipélago está dentro do espaço da possível ORGP e o governo local das ilhas está associado ao governo britânico. Cabe ressaltar que a atividade de pesca por barcos estrangeiros autorizada pelo governo local do arquipélago é considerada ilegal pelo governo argentino.

Por fim, destaca-se que a proposta apresentada carece de estímulo, pois o momento de desintegração e/ou estagnação regional na parte continental se contrapõe às exigências de cooperação, transparência e compartilhamento de informações que tornam as ORGPs efetivas. Ademais, parece necessário fomentar o pensamento político-estratégico através de uma visão holística do combate à pesca IUU, como ameaça transnacional à segurança ambiental e marítima, por exemplo, ligada à outras, como poluição marítima e tráfico internacional.



SOUTHCOM: depoimento do Almirante Faller ao Congresso dos EUA

Rafael Esteves

O Atlântico Sul e o *United States Southern Command* (USSOUTHCOM) representam importante instrumento estratégico para os Estados Unidos da América (EUA), em especial no momento de instabilidade global, causado pela pandemia da COVID-19. Nesse contexto, em março de 2021 o Almirante Craig S. Faller, Comandante da USSOUTHCOM expressou forte preocupação em relação aos novos desafios enfrentados na América Central e do Sul em uma de suas audiências com o Congresso estadunidense. Destaca-se a relevância do tema para os interesses brasileiros, por se tratar de pontuações relacionadas ao seu entorno estratégico.

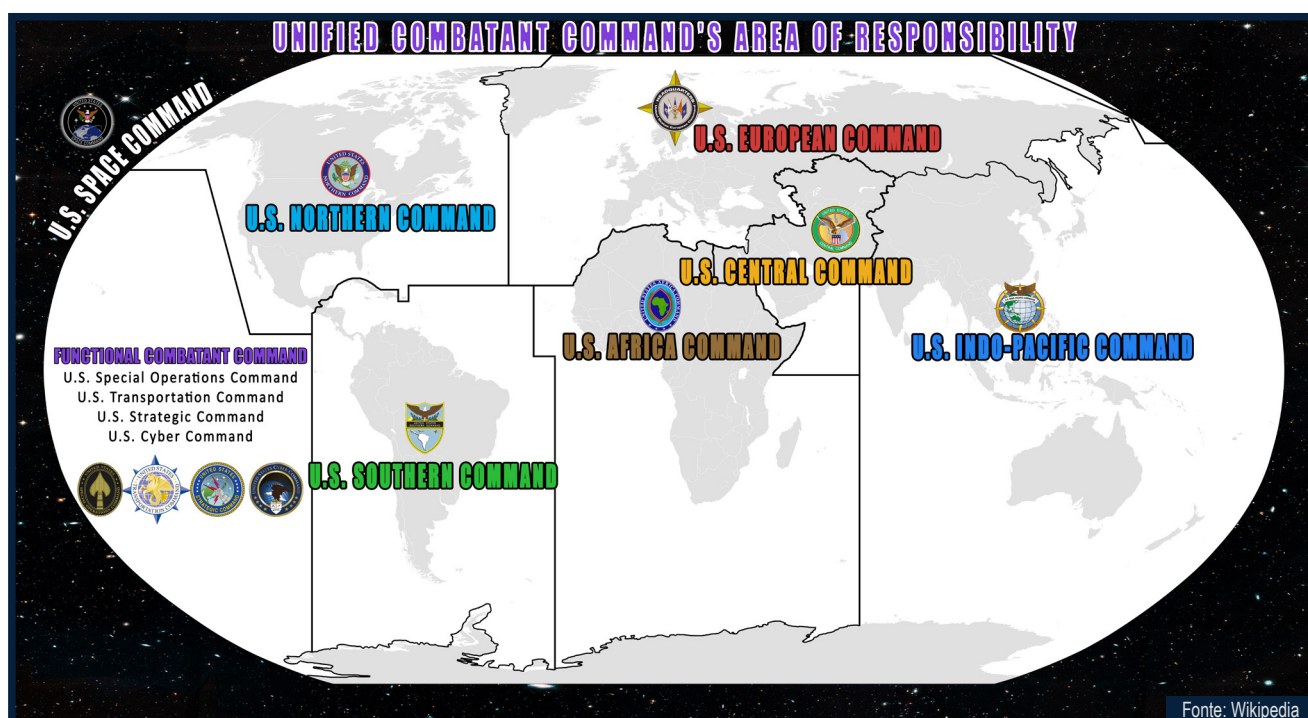
As ameaças destacadas dividem-se em estatais e não-estatais. As estatais relacionam-se com os principais adversários internacionais dos EUA, a China, a Rússia e o Irã, e a expansão de suas respectivas influências pelo continente americano. Alte. Faller também menciona alguns Estados, classificando-os como “malignos”, por serem considerados corruptos e, portanto, ameaças à democracia no continente. São eles a Venezuela, Cuba e Nicarágua. Com relação aos atores não-estatais, Alte. Faller destaca o narcotráfico e as organizações terroristas regionais. Ambas ameaçam a estabilidade dos governos locais, com suas atividades ilegais e uso da violência.

Como esperado, há também uma grande preocupação em relação à COVID-19 e o incremento das fragilidades

existentes na região. Segundo o Alte. Faller, atores internacionais vêm se aproveitando do momento de instabilidade mundial para aumentar suas influências, como a China, que desenvolveu uma vacina e a utiliza como instrumento para ganhar vantagens econômicas. Além disso, é possível perceber a preocupação com a expansão do poderio tecnológico chinês protagonizado pelo 5G.

Por isso, o discurso do Alte. Faller enfatizou a importância de enfrentar tais ameaças através da promoção do multilateralismo e da segurança hemisférica das Américas, principalmente no campo da inteligência e cibersegurança. Além disso, sublinhou que o governo estadunidense deve promover ajuda humanitária, apoio financeiro e em infraestrutura. Alinhada à política externa propugnada por Biden, o Alte. Faller também ressalta a preocupação com direitos humanos e com igualdade de gênero, de modo que “encoraje seus parceiros a criar mudanças estruturais em suas Forças Armadas”

Percebe-se, portanto, a importância do continente americano para os EUA, o que também é significativo para a estratégia do Brasil. O posicionamento adotado da cooperação multilateral a partir da inclusão de questões para além da área militar, como as de gênero e as humanitárias indicam novas tendências e temas para os EUA dialogarem em sua área de interesse direto.



Fonte: Wikipedia

Uma nova crise humanitária ganha contornos na fronteira Estados Unidos-México, dessa vez protagonizada por crianças. O constante fluxo migratório de centro-americanos rumo aos EUA tem-se acentuado desde a posse de Biden, o que fez a quantidade de detenções na fronteira baterem recorde e ganhar características mais dramáticas. Diariamente, mais crianças desacompanhadas e desnutridas têm sido deixadas na fronteira por pais desesperados para obter um futuro melhor para elas. Quais os principais fatores que contribuíram para a conjuntura atual?

A migração oriunda do Triângulo Norte da América Central para os EUA não é uma novidade. É reflexo das desigualdades socioeconômicas e violência armada que a região vive desde o final dos governos autoritários e guerras civis da Guerra Fria, que nunca terminaram de fato, pois não houve plena pacificação e transição democrática. Seguidas gerações vivem sob a sombra do subdesenvolvimento e veem na fuga uma chance de sobrevivência e de um futuro promissor. As crianças desacompanhadas de hoje na fronteira são filhos e netos dos que, há muito tempo, são violentados, mas que não querem o mesmo para as próximas gerações.

Na Guatemala, por exemplo, a fragilidade das condições econômicas e sanitárias trazidas pela COVID-19 vem impulsionando os casos de desnutrição

aguda infantil a ponto de dobrarem em relação a 2019. Colheitas arruinadas pelos desastres ambientais e falta de apoio governamental somada à expulsão de terras e violência armada do narcotráfico forçaram o deslocamento de diversas famílias rumo aos EUA. Entretanto, a pobreza e o fechamento das fronteiras terrestres têm levado aos pais impedidos de pedir asilo nos EUA a deixarem seus filhos na fronteira para serem acolhidos pelas autoridades estadunidenses, na esperança de que eles não morram de fome e tenham chance de um futuro melhor.

Em março de 2021, mais de 171 mil migrantes indocumentados foram barrados, um recorde nos últimos 15 anos, e quase 19 mil crianças desacompanhadas foram acolhidas, a maioria guatemaltecas. O aumento exponencial de detidos em meio à pandemia se dá pelas condições climáticas favoráveis de fim de inverno, mudanças na política migratória feitas por Biden e a esperança de que a interrupção da construção do muro na fronteira EUA-México permitiria o fluxo migratório ininterrupto, o que não se mostra realidade.

Portanto, o governo Biden tem o desafio de estruturar políticas para lidar com delicada situação dos que tentam cruzar a fronteira fugindo da fome e da violência, podendo essa ser uma chave para a mudança nas relações EUA-América Central.

DOI 10.21544/2446-7014.n137.p07.

ÁFRICA SUBSAARIANA

Canal de Moçambique: novo *hotspot* de insegurança marítima no continente africano

Isadora Jacques

A segurança marítima da África Austral está sendo ameaçada pelas insurgências próximas ao Canal de Moçambique, iniciadas em 2017. As ameaças originárias de Cabo Delgado, protagonizam ataques que causaram 2.700 mortes e deslocaram 690.000 pessoas, aproximaram-se das fronteiras da Tanzânia e de pontos estratégicos de abastecimento das Forças de Segurança do Estado moçambicano ([Boletins 127](#) e [125](#)). Ademais, a internacionalização do conflito se justifica pela existência das indústrias de gás natural *offshore* da região, que somam, aproximadamente, planos de US\$ 50 bilhões em investimentos. Diante disso, a francesa *Total* passou a mover, em 2021, parte de suas operações para *Mayotte*, ilha administrada pela França, motivada pelo temor de investidas extremistas. Essas consecutivas escaladas de tensões podem tornar o Canal de Moçambique um *hotspot* de insegurança no continente africano?

Enquanto as forças insurgentes se fortalecem,

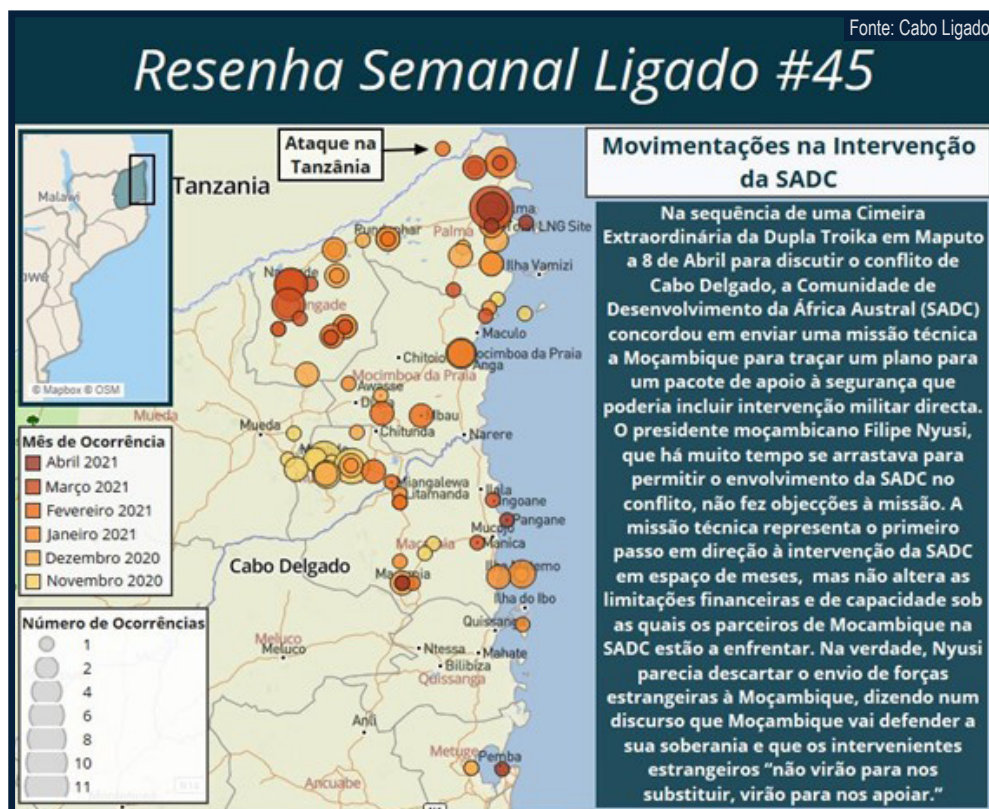
torna-se evidente a incapacidade do governo de Moçambique em lidar com a crise humanitária. Em 24 de março, a cidade de Palma, província de Cabo Delgado, sofreu um ataque armado, que resultou no deslocamento forçado de quase 19.000 pessoas, que buscaram asilo em distritos vizinhos. A ONU indica que quase 1 milhão de pessoas passam fome no país, a população de algumas cidades da região chegou a triplicar, enquanto outras dezenas de milhares de moçambicanos estão deslocados ainda no distrito de Palma.

Em resposta aos ataques, Jaime Neto, ministro da Defesa moçambicano, garantiu a continuidade dos projetos de petróleo e gás, além da segurança na região. Entretanto, a mobilização militar de França, Espanha e Portugal, a aguardada assistência antiterrorismo dos EUA, a instalação de uma nova base antipirataria com apoio sul-africano e a preocupação indiana com patrulha na região do Oceano Índico refletem a dimensão do temor >>>

com a segurança marítima ocasionado pelo conflito. Pelo Canal de Moçambique passam cerca de 30% do tráfego global de petroleiros e, os insurgentes muçulmanos, utilizam-se do tráfico de drogas na região para financiamento de suas atividades, processo semelhante ao que ocorreu no Chifre da África — que se tornou um expoente global na pirataria.

Como se vê, apesar das oportunidades surgidas no

continente, a falta de governança ainda gera incerteza no investidor internacional na África. Seus portos são essenciais para a exportação de *commodities*, que favorecem o desenvolvimento doméstico. O estabelecimento de mais uma região africana com segurança marítima frágil, pode adiar as pretensões de um desenvolvimento regional coeso.



DOI 10.21544/2446-7014.n137.p07-08.

O custo do petróleo: a pirataria e a poluição no Golfo da Guiné

Bruno Gonçalves

A partir de 1950, grandes empresas internacionais começaram a explorar recursos minerais e energéticos na região do Golfo da Guiné (GG). A indústria de energia é conhecida por levar grandes volumes de investimentos para países produtores. No entanto, vale criticar os custos social, ambiental e de segurança que estas empresas geram para o local quando a produção não é desenvolvida de maneira sustentável.

Com PIB estimado em US\$ 448,12 bilhões, segundo o Banco Mundial, a Nigéria é a maior economia e produtora de petróleo do continente africano. Os nigerianos têm os hidrocarbonetos como parte substancial da economia nacional, representando mais de 85% das exportações. Além disso, exportam 2 milhões de barris por dia, fonte fundamental para o abastecimento de petróleo da Índia e China, e esta enorme produção tem reflexos na vida social e ambiental da região do GG.

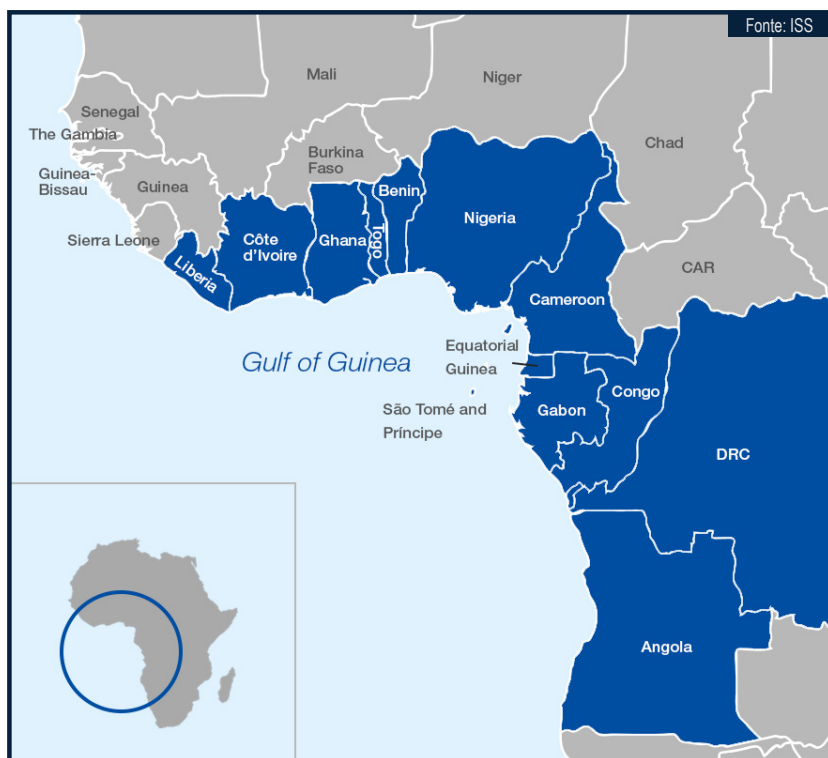
Ressalta-se que a população da região tem uma relação simbiótica com o mar. De acordo com pesquisadores do *King's College London*, o pescado corresponde a 80% do consumo de proteína animal, às vezes a única, por parte

das comunidades costeiras da região. Segundo a *World Conservation Union* e algumas fontes governamentais da Nigéria, estima-se que a cada ano, nos últimos cinquenta anos de exploração, o petróleo derramado no país é equivalente ao acidente *Exxon Valdez*, em 1989, no Alasca, que lançou 250 mil barris de petróleo no oceano. Além da poluição agredir a agricultura, pesca e saúde humana, a situação reverbera na segurança marítima.

Em 2020, o Golfo da Guiné se tornou a zona marítima mais perigosa do mundo, título promovido pelo aumento de casos de pirataria contra petroleiros. Atualmente, operam na região em torno de dez grupos armados, que promovem, principalmente, o sequestro de pessoas, roubo de ativos de petróleo e sabotagem em oleodutos. Algumas comunidades veem este movimento como uma forma de protesto e reivindicação dos retornos financeiros da receita do petróleo. Segundo John Togo, ex-líder da Frente de Libertação do Delta do Níger, os ataques são promovidos em nome da comunidade local, o que exige medidas conjuntas entre o governo, as empresas e da comunidade internacional para a resolução da questão. ➤

Evidencia-se, portanto, que é imprescindível harmonizar o crescimento econômico com o desenvolvimento sustentável local. Deve-se focar na origem do problema e não apenas nos desdobramentos.

Defende-se que reduzindo a poluição do ambiente e aumentando o retorno dos investimentos para a população, a insegurança marítima no Golfo da Guiné se reduzirá.



DOI 10.21544/2446-7014.n137.p08-09.

EUROPA

França: revisão da Estratégia de Segurança e Defesa Nacional atualizada

Thaïs Dedeo

Recentemente, as tensões com a Turquia no Mediterrâneo, a pandemia da COVID-19, o conflito em Nagorno-Karabakh, o Brexit e a ameaça nuclear norte-coreana e iraniana revelaram novas vulnerabilidades, forçando o Ministério da Defesa da França a rever sua estratégia. A *Actualisation Stratégique 2021* analisa o novo contexto estratégico que o país vive e complementa a Revisão Estratégica de Defesa de 2017 ([Boletim 63](#)). O que esta atualização nos diz sobre o futuro estratégico da França?

Observa-se uma aceleração de diversas tendências apontadas em 2017, como a competição entre potências, fragilidades estruturais associadas à interdependência, o fortalecimento de potências regionais (Turquia) e a generalização de estratégias híbridas ligada às tecnologias disruptivas. A questão cibernética e espacial ganha importância neste documento em relação ao anterior, com a publicação da Estratégia de Defesa e Segurança Cibernética (2019) e da Estratégia de Defesa Espacial (2020), assim como a criação dos seus respectivos comandos dentro das Forças Armadas francesas.

Nesta Revisão Estratégica 2021, identificam-se dois grandes riscos à autonomia estratégica da Europa e, por consequência, da França. Chama-se atenção para a necessidade de França e União Europeia melhor identificarem suas vulnerabilidades em relação às

cadeias de abastecimento globais e protegerem seus setores industriais estratégicos, por meio do controle dos investimentos estrangeiros e desenvolvendo uma base industrial e tecnológica europeia de Defesa. Vale ressaltar que a China é considerada uma rival sistêmica da União Europeia. Ademais, teme-se a perda da credibilidade militar da Europa, caso haja ausência de uma resposta adequada associada a uma possível redução dos esforços de defesa em virtude dos efeitos econômicos da pandemia.

Portanto, para que a França consiga alcançar suas ambições políticas, industriais e militares ([Boletins 111 e 123](#)) esta deverá ser capaz de responder à altura a esses desafios. O país estima a necessidade de construir um novo porta-aviões, renovar suas capacidades em satélites, investir em segurança cibernética, desenvolver um novo sistema de combate aéreo e modernizar seu arsenal nuclear para se projetar enquanto potência, a partir de 2030. Apesar de três anos de aumento orçamentário na pasta da Defesa, deve-se considerar a retração do PIB nacional devido à pandemia. Do ponto de vista estratégico, a França reconhece que só conseguirá se projetar futuramente através da Europa, o que requer, segundo o documento, o desenvolvimento de uma autonomia estratégica europeia e igualmente o fortalecimento do pilar europeu dentro da OTAN.

DOI 10.21544/2446-7014.n137.p09.

Economia egípcia e os obstáculos para seu crescimento

Ana Luiza Colares

O Egito é um país geograficamente privilegiado, com costa no Mar Mediterrâneo e no Mar Vermelho (rota de acesso ao Oceano Índico). Tal aspecto chama atenção não só pela relativa facilidade de trocas comerciais, mas também no que agrega ao setor de turismo — muito importante para a economia do país antes da crise sanitária atual. Segundo o *World Bank*, as recentes reformas econômicas foram capazes de estabilizar a economia egípcia frente às adversidades, porém a pandemia da COVID-19 e suas repercussões frearam o progresso. Sendo assim, quais as possibilidades do governo egípcio dar continuidade aos antigos projetos econômicos e promover o crescimento do país?

O ano fiscal (FY, sigla em inglês) 2021/2022 egípcio começa em julho e apresenta previsão para crescimento da economia em 5,4% — o qual caiu de 5,6% (FY 2018/2019) para 3,6% (FY 2019/2020) e deve fechar em 3,3% neste ano. Para que isso seja possível, o Ministério de Planejamento e o Ministério de Finanças têm trabalhado em conjunto e levaram ao Parlamento o novo orçamento a ser aprovado, de US\$ 80 bilhões. O foco estabelecido pelos ministérios é o aumento da atividade econômica (setores industrial e de exportação), bem como promover melhorias na infraestrutura nacional.

Além disso, o governo visa lançar uma segunda fase da reforma econômica no país.

Todavia, não só a pandemia de COVID-19 freou a economia egípcia. Recentemente, o bloqueio do Canal de Suez — sobre o qual o país é soberano — pelo navio *Ever Given* representou um golpe inesperado e abrupto para as receitas, calculando-se uma perda econômica para o país de aproximadamente US\$ 15 milhões diários e US\$ 95 milhões não arrecadados em pedágios, contribuindo ainda mais para o déficit orçamentário que o país busca contornar. Ademais, para além das medidas abordadas do novo orçamento, nota-se que o petróleo é o grande provedor das receitas egípcias e continuará sendo uma importante fonte que o país busca desenvolver. Em 2020, 24% do PIB do Egito adveio deste setor, como um pilar chave para reconstruir a economia, sendo também responsável por atrair investidores estrangeiros.

Deste modo, observa-se que a volátil estabilidade de sua localização estratégica e às políticas econômicas internas do país são determinantes para o avanço — ou retrocesso — da economia egípcia, a qual, conseqüentemente, visa à manutenção de seu status regional de liderança no Norte da África.



A militarização do Mar Negro face ao escalonamento em Donbass

José Gabriel Melo e Luiza Guitarrari

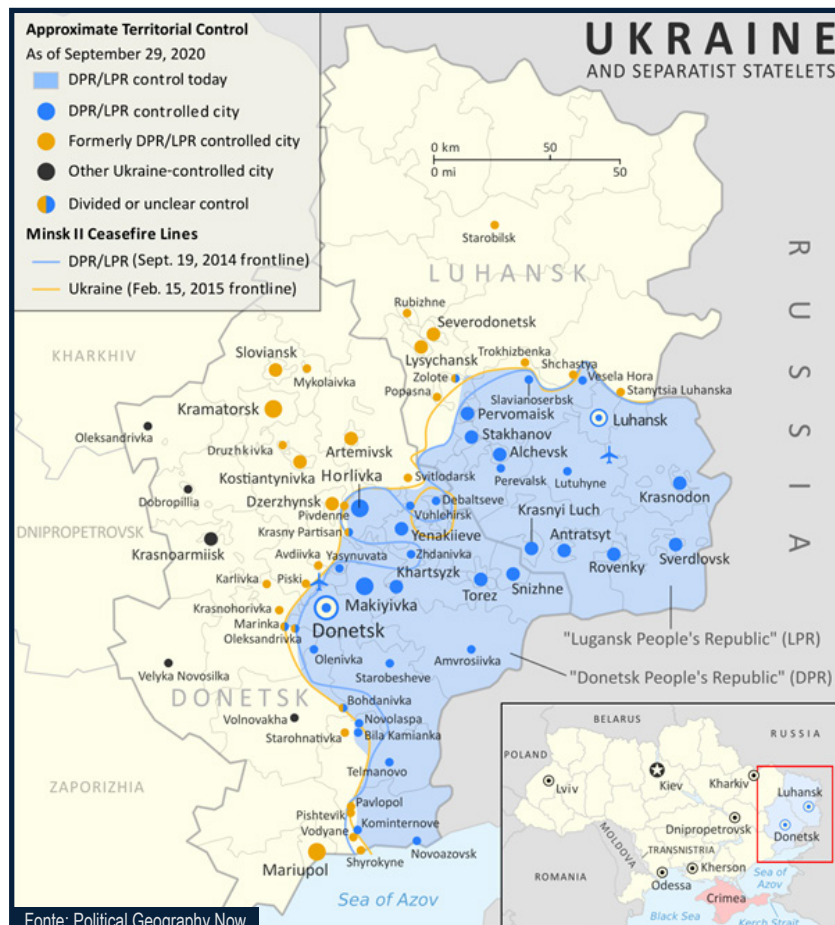
A Ucrânia é importante peça na crescente rivalidade entre Rússia e o Ocidente, e tem desempenhado um papel fulcral no equilíbrio de poder e segurança mundial nos últimos anos. Nota-se que, desde 2014 ([Boletim 31](#)), o país tem adotado uma posição firme quanto à recuperação de sua integridade territorial, reestruturando sua agenda de Defesa ([Boletim 133](#)), enquanto conta com o apoio estadunidense para reequipar suas Forças Armadas. Nesse sentido, o que esperar do recente escalonamento transfronteiriço em Donbass?

Há sete anos, a relação entre Kiev e Moscou deteriorou-se devido à ascensão de movimentos separatistas pró-Rússia em Donbass, no leste da Ucrânia, e subsequente anexação de parte do território ucraniano. Isto posto, no dia 30 de março, os governos russo e ucraniano se pronunciaram acerca da acentuação do conflito, deflagrada após uma violação do acordo de cessar-fogo de julho de 2020. Provocou-se, assim, a morte de quatro soldados ucranianos na Linha de Contato — faixa de terra de 400 km de extensão de trincheiras e fortificações —, localizada em Donetsk.

Paralelamente, o *U.S. European Command* (US EUCOM) elevou o nível de ameaça do conflito para “crise iminente”, criticando, junto aos demais países do G-7, a movimentação militar russa próxima à

região transfronteiriça. Verificou-se, portanto, a postura estratégica de Washington em conter a atuação russa, ao mesmo tempo em que contribui para a defesa de um país amigo ou parceiro regional. Em um transbordamento desse atrito para o âmbito naval, no dia 14 de abril, ambos realizaram exercícios militares no Mar Negro. O Distrito Militar do Sul russo designou 15 navios da Flotilha do Mar Cáspio para a região, com o intuito de destacar a prontidão de sua Marinha; a Ucrânia, por sua vez, simulou a defesa contra desembarques anfíbios e ataques aéreos.

Portanto, espera-se que, enquanto as articulações diplomáticas entre os países não evoluam, Moscou buscará projetar sua pujança militar, freando a participação de atores exógenos. Em contrapartida, Kiev irá explorar todas as alternativas para conter o avanço russo e manter a estabilidade regional, por meio de suas novas diretrizes de Defesa, amparadas por um notável aumento no orçamento, que alcançou 3,4% do PIB em 2019, o maior índice dos últimos 25 anos, segundo dados do Banco Mundial. Somado ao incremento orçamentário e do nível de prontidão ucraniano, faz-se indispensável o apoio militar e econômico do Ocidente, e principalmente dos EUA, para o cumprimento do objetivo de manter a integridade territorial de Donbass e do país.



Intensificação da disputa entre China e EUA em torno de Taiwan

Philippe Alexandre

A questão taiwanesa é um assunto dos mais sensíveis no tabuleiro geopolítico, porque envolve, numa região muito estratégica para a economia global, as duas maiores potências: Estados Unidos da América e a República Popular da China. A eclosão de um conflito preocupa a Comunidade Internacional por conta da posição que a ilha ocupa entre os dois gigantes. Por essa razão, o objetivo deste texto é apresentar a dinâmica geopolítica na região e seus pontos de instabilidade.

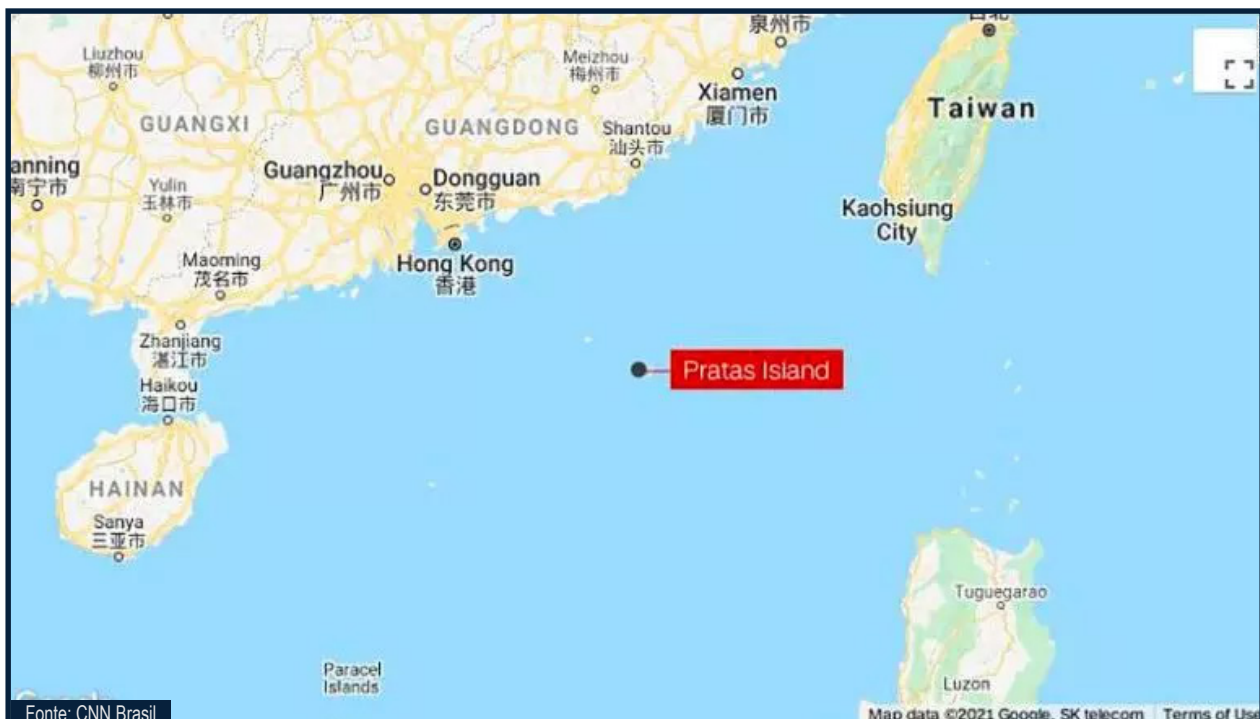
O Ministério da Defesa de Taiwan informou, no dia 12 de abril, o sobrevoo de 25 aeronaves militares chinesas sobre a parte sudeste da zona de identificação aérea da ilha, bem como frequentes passagens de navios chineses em águas reivindicadas por Taipei, realização de exercícios navais da Marinha chinesa próximos à ilha, entre outros. Alguns fatores explicam essas movimentações de Pequim: demonstração de força para os EUA e vizinhos, intimidação ao governo da ilha, mapeamento dos limites de ação e contestação às reivindicações taiwanesas sobre determinadas áreas (Ilhas Pratas) por fins do direito internacional.

Pequim alega que essas atividades são normais e corriqueiras, e defende que nenhum país apoie iniciativas emancipatórias do atual governo da ilha. Esta é uma clara mensagem aos EUA, uma vez que se colocam como o guardião mantenedor da independência de Taiwan

e de outros aliados regionais (Coreia do Sul e Japão). Nesse sentido, Joe Biden autorizou que os encontros de representantes do seu governo com autoridades taiwanesas fossem mais frequentes. A atual liderança de Taipei tem se ancorado nos EUA e na presente conjuntura de disputa hegemônica sino-americana para garantir a sua autonomia frente à projeção chinesa.

O Almirante Philip Davidson, Comandante do *Indo-Pacific Command*, acredita que, ainda em meados de 2030, a China poderá promover uma grande invasão militar a Taiwan. No entanto, tal medida legitimaria um contra-ataque, mancharia sua imagem internacional e afetaria o crescimento econômico chinês. Em vez disso, a estratégia chinesa tende a incorporar, gradual e paulatinamente, Taiwan de modo a aprofundar a interdependência produtivo-tecnológico, comercial, social com a ilha.

Portanto, o futuro de Taiwan e os próximos passos para China em relação à ilha dependerão muito das relações bilaterais sino-americanas. Nesse sentido, a tensão do primeiro encontro de alto-nível entre os governos Biden e Jinping no Alasca e a intensificação da mobilização militar chinesa no Mar do Sul da China evidenciam que as mesmas continuarão no geral estremecidas, o que implica numa conjuntura preocupante para a questão taiwanesa e para a região do Pacífico Ocidental.



Índia e Paquistão dialogam sobre cessar-fogo: mais do mesmo?

Rebeca Leite

A relação entre Índia e Paquistão é uma constante histórica relevante no cenário internacional. São dois Estados nucleares em discordância étnica, cultural, religiosa, em disputa por territórios e recursos naturais. Desde a partição da Índia Britânica, em 1947, ambos os países vivenciam picos de um conflito em curso.

Contudo, em fevereiro e março de 2021, duas iniciativas chamaram a atenção acerca deste cenário. Discussões sobre a retomada do cessar-fogo na Linha de Controle foram realizadas, lideradas por representantes militares das partes. Também ocorreu, após dois anos, a reunião da Comissão Permanente do Rio Indo, para tratar sobre o compartilhamento de águas da Bacia daquele Rio. Portanto, cabe questionar se, de fato, haverá alguma institucionalização de um acordo de paz.

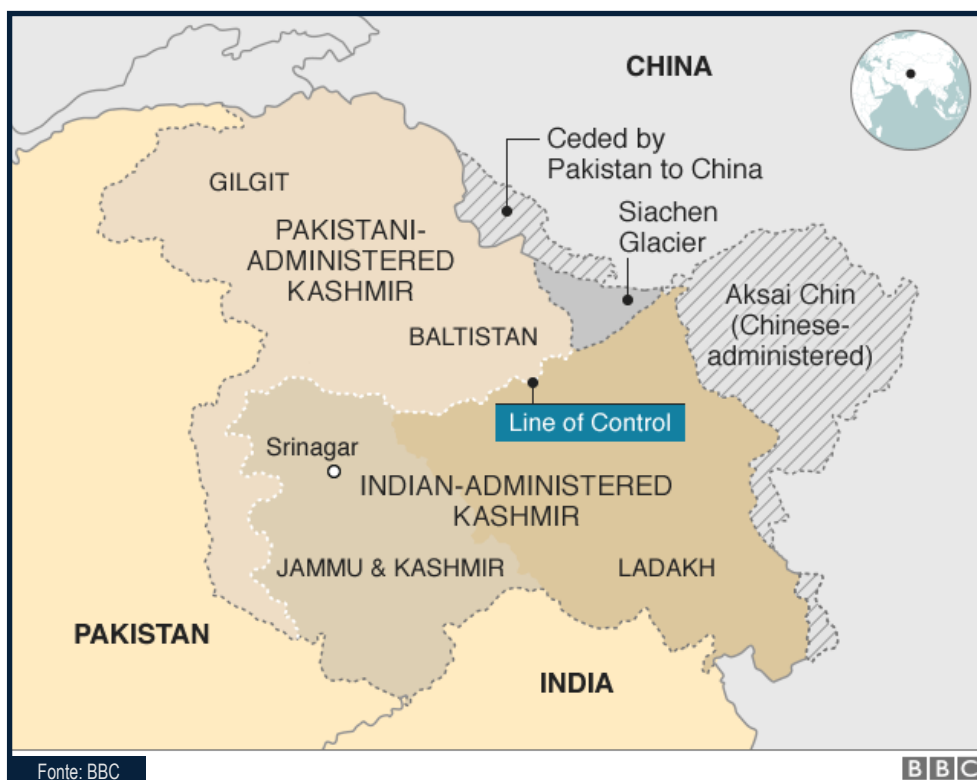
Sabe-se que a Caxemira é o núcleo da disputa indo-paquistanesa, pois envolve, não apenas uma porção territorial *per se*, mas um sentimento étnico, nacional e religioso exacerbado. Há, ainda, a presença de recursos hídricos fundamentais para o desenvolvimento socioeconômico e abastecimento doméstico de ambos os países, tornando uma questão geopolítica.

A respeito dos últimos fóruns de diálogo, pode-se tecer algumas considerações. Para o Paquistão, — que vivencia uma crise financeira acentuada e, ainda, pressionado internacionalmente devido às acusações de

apoio ao terrorismo —, a iniciativa da elite militar em dialogar com a Índia significa uma tentativa de aliviar essa pressão, e não de que o Exército tenha mudado sua visão sobre a Índia como uma ameaça. Os indianos, por outro lado, esperam que o diálogo com os paquistaneses minimize a pressão em suas fronteiras, uma vez que a situação com a China se prolonga ao Norte.

As elites indiana e paquistanesa entendem que a estabilidade regional é fundamental para seus projetos políticos, principalmente da Índia que deseja alcançar o *status* de potência. Porém, antes de vislumbrar uma reviravolta nesta relação, cabe mencionar que não é a primeira vez que ambos discutem um cessar-fogo e, se considerarmos a história, provavelmente não será a última.

Sendo a Caxemira o foco desta disputa, e que a questão hídrica está intrinsecamente ligada a isto, é difícil visualizar um cenário harmonioso sem que um dos lados desista do pleito. Renunciar à Caxemira significa abdicar do uso legal das águas da Bacia do Indo, uma opção aparentemente improvável em um contexto de profundo estresse e escassez hídricos. Dessa forma, pode-se concluir que os diálogos estabelecidos dizem muito mais sobre minimizar problemas externos, com foco doméstico, do que de fato solucionar conflitos.



Indonésia estreita parcerias para além da dicotomia EUA X China

Matheus Bruno Pereira

Embora não tenha reivindicações no Mar do Sul da China (MSC), a Indonésia também sofre com incursões chinesas. As ações no MSC se expandem para a Zona Econômica Exclusiva (ZEE) da Indonésia, tendo recebido a presença de navios pesqueiros e militares da China. Apesar de ser uma potência regional, Jakarta não consegue lidar sozinha com Pequim, assim como seus vizinhos. Uma opção a se seguir é, portanto, buscar parcerias com outros países. Atualmente, a Indonésia vem organizando acordos bilaterais e multilaterais com países atuantes na região. Eventos recentes mostram uma aproximação com França e Japão. Desse modo, vale analisar os receios e interesses desses respectivos países no tabuleiro regional e seus objetivos.

No fim de março, os ministros da Defesa e de Relações Exteriores da Indonésia e Japão assinaram um acordo bilateral que facilita a transferência de equipamento e tecnologia japonesa para a Indonésia. Segundo Prabowo Subianto, ministro da Defesa indonésio, o objetivo é, além da modernização das Forças indonésias, estreitar laços com o Japão. Os países se comprometeram a participar de operações conjuntas. O evento demonstra o desejo dos países em buscar formas de se fortalecerem frente à China, sobretudo após a permissão que Pequim vem

dando a seus navios e milícia marítima para agir contra embarcações de outras bandeiras que atuam na região. O Japão, além de se preocupar com as ações chinesas no Mar do Japão, busca aquecer seu mercado com a venda de navios e outros materiais militares.

Prabowo também declarou interesse na aquisição de caças *Rafale* e submarinos *Scorpène*, de origem francesa. A França possui interesses na região do Indo-Pacífico, uma vez que mais de 90% de suas ZEEs estão localizadas na região. Além disso, é o único país da União Europeia a possuir presença militar local. Assim, o estreitamento de laços de Paris com os países locais é de interesse estratégico, sobretudo por a Austrália apoiar a iniciativa de ações multilaterais na região.

As circunstâncias mencionadas apresentam como a aparente neutralidade de Jakarta concorre para a busca de diferentes parcerias, sem eliminar as dicotomias geopolíticas do cenário internacional. Dessa maneira, garantirá oportunidades de modernização de sua Marinha, aprimorando seus recursos de Defesa e, ao mesmo tempo, fortalecendo parcerias. Assim, a neutralidade da Indonésia acaba favorecendo cooperações de maior durabilidade do que propriamente os desafios contemporâneos regionais que enfrentam.



Os desafios antárticos para a administração Biden

Gabriele Hernandez e Jéssica Barreto

Com apenas um navio quebra-gelo e três estações de pesquisa que necessitam de manutenção, o programa antártico estadunidense carece de modernização. Apesar de ser um continente importante para os Estados Unidos (EUA), a Antártica não recebeu muita atenção daquele governo na última década. De acordo com o senador Sheldon Whitehouse, em evento no dia 05 de abril, a nova administração do país precisa focar nas suas prioridades para o futuro quando o assunto é Antártica. A partir dessa colocação, é importante analisar o que se pode esperar do posicionamento do governo Biden para o continente, após governo Trump.

Durante toda a sua campanha, o democrata Joe Biden utilizou o discurso da política climática como um dos seus pilares. Agora, como presidente, a sua administração defende a necessidade de políticas mais duras por parte de todos os países e, objetivando inserir os EUA como líder no combate global às mudanças climáticas, estabeleceu a emissão zero de gases até 2050 no país. Além disso, Biden pretende associar a recuperação econômica nacional com o fator verde, investindo em infraestrutura, energia limpa e geração de empregos.

Apesar da necessidade de preocupação com as mudanças climáticas, essa valorização da pauta ambiental

é utilizada como forma de liderança e inserção do país em diferentes organismos e regiões, inclusive a Antártica. Ao se posicionar como uma potência sustentável, os EUA ganham força institucional e apoio popular para questionarem a atuação de Pequim no continente, visto que a China está construindo sua quinta estação e possui um amplo escopo de atuação nos órgãos do Sistema do Tratado Antártico (STA), cuja pesca predatória no Mar Austral é motivo de debate internacional. O objetivo mais urgente é a construção de santuários de conservação que afastem navios chineses de áreas de interesse internacional na região.

Ademais, a nova administração estadunidense prevê investimentos em suas estações de pesquisa e a construção de um novo navio quebra-gelo, enquanto buscará se destacar como democracia “verde” ao pautar suas políticas antárticas em prol da conservação ambiental e negociar a criação de áreas de proteção marinha no mar austral. Esse posicionamento, apesar de seguir o STA, busca garantir e legitimar os interesses estadunidenses sob a pauta de sustentabilidade. A tática ressoa com as demais políticas de Biden e traz o continente para mais perto dos EUA.



Cabos submarinos no epicentro das disputas hegemônicas

Victor Gaspar Filho

Cabos submarinos são infraestruturas críticas de importância estratégica significativa. Atualmente, há mais de 450 deles em funcionamento, suportando cerca de 98% do tráfego global de dados. Os EUA abrigam 10 dos 13 servidores raízes por onde transitam 80% do montante de dados mundiais. Recentemente, a China se tornou proprietária e fornecedora de 11,4% dos cabos submarinos globais, com projeção de crescimento de 20% entre 2025 e 2030. Como novos projetos de cabeamento submarino refletem as disputas geopolíticas atuais?

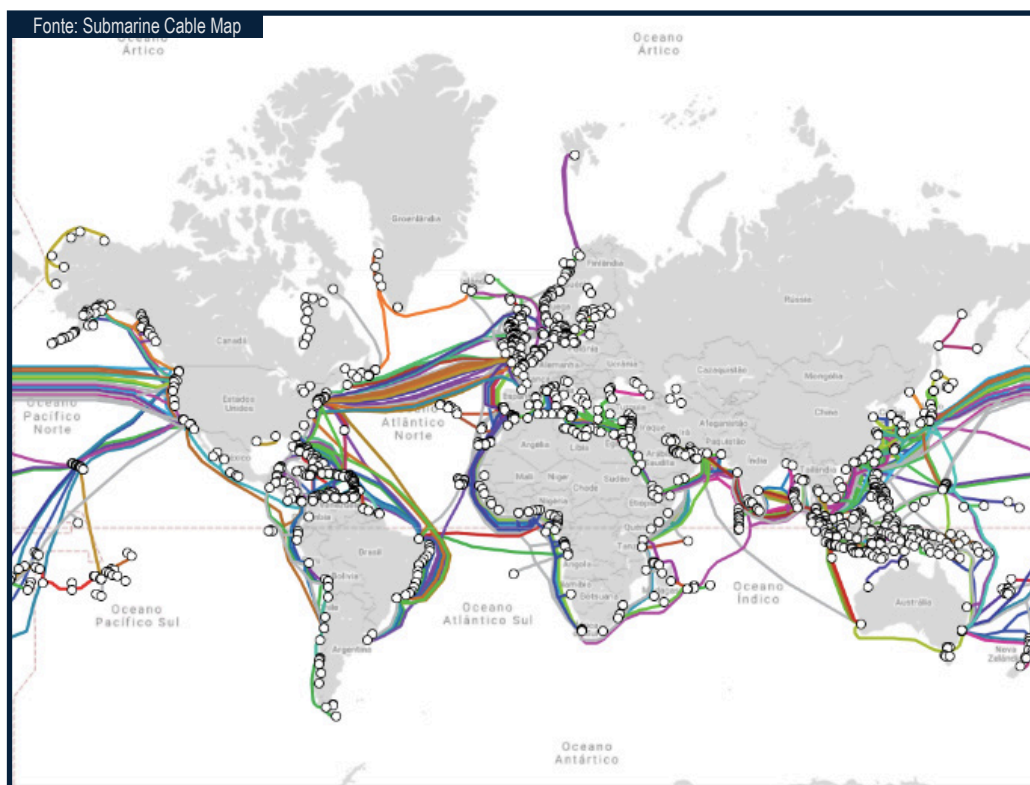
Com a expansão da Rota da Seda Digital, Pequim espera alavancar a conectividade no exterior e criar uma infraestrutura digital centralizada no país. Empresas chinesas estão concluindo a instalação do cabo PEACE, com extensão de 15.000 km contornando a África e chegando à França. A *Huawei* é a terceira maior acionista da HMN, fabricante, instaladora e administradora do cabo. Isto ocorre em meio à busca da Europa por autonomia estratégica entre a China e os Estados Unidos, com a principal acionista da HMN, *Hengtong Optic-Electric*, sendo investigada por *dumping* pela Comissão Europeia.

Simultaneamente, o *Facebook* e a *Alphabet* estão construindo o *Pacific Light Cable Network*, que ligará os Estados Unidos ao Leste Asiático. Abandonou-se o projeto original que conectaria o cabo a Hong Kong devido a preocupações do governo estadunidense acerca

da comunicação direta com o território sob influência chinesa. Dois outros cabos do *Facebook*, *Echo* e *Bifrost*, devem aumentar a capacidade transpacífica em 70% após sua instalação, seguindo uma nova rota cruzando o Mar de Java.

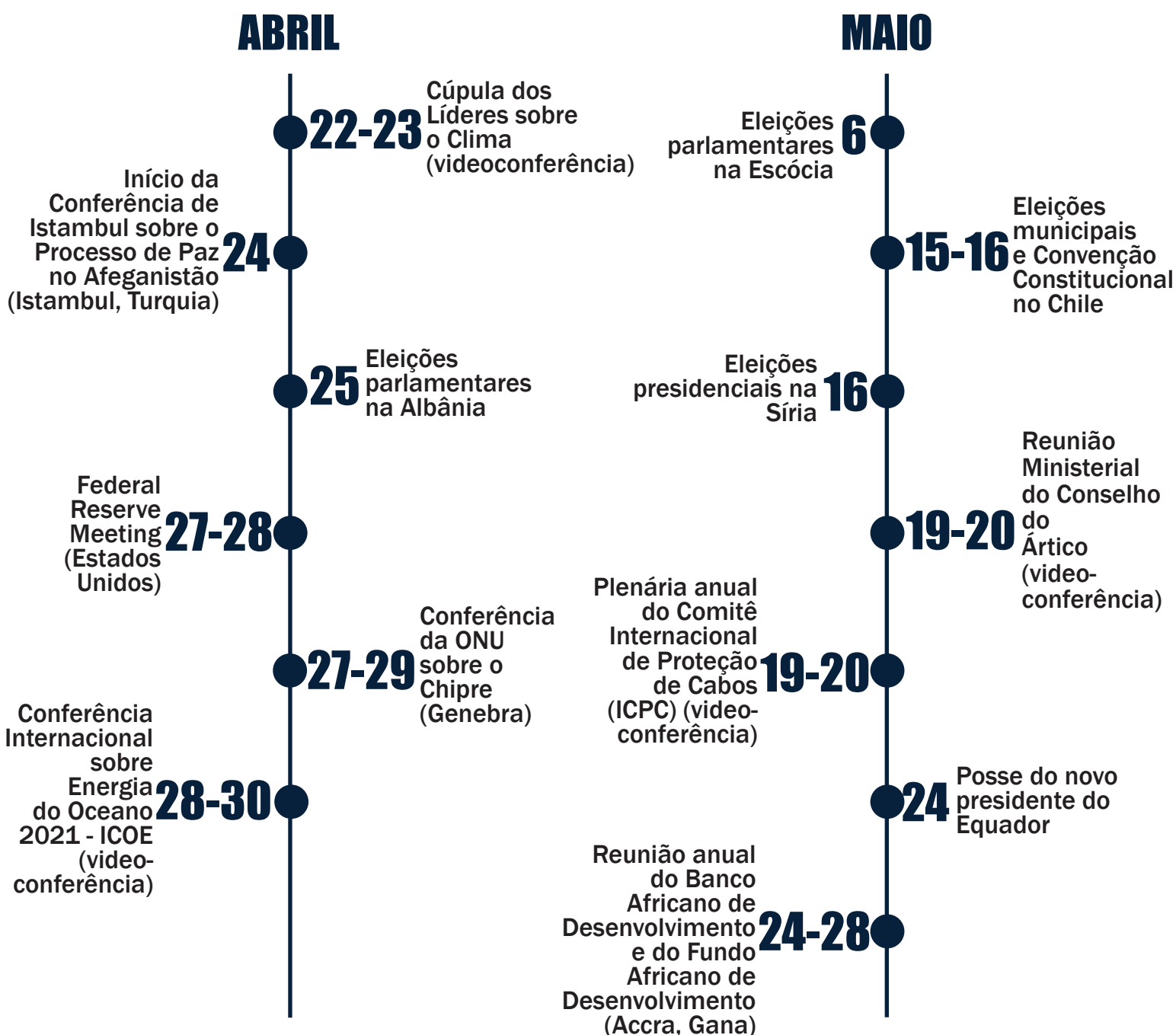
Outro projeto corrente é o *2Africa*, que será implementado por um consórcio de nove empresas internacionais ([Boletim 130](#)). O cabo de 37.000 km conectará 23 países da África, Oriente Médio, Europa e Ásia, com previsão para 2024. A demanda africana por internet é ascendente, com um crescimento da largura de banda internacional em 45% ao ano entre 2015 e 2019. O *2Africa* possui capacidade superior à total combinada dos cabos que hoje atendem ao continente.

A segmentação do sistema de cabos submarinos ocorre não somente pela disputa por consumidores. Essa infraestrutura administrada por empresas particulares é utilizada para transações financeiras, comunicação militar e uma gama de informações críticas. Estados-nacionais estão tomando medidas para que a segurança desses cabos e informações seja preservada diante de sabotagens e interceptações. A adoção de uma rede diversificada com ingerência governamental para a implementação de rotas alternativas se apresenta como uma forma de prevenção para as questões de segurança mencionadas.



- ▶ [Data is power: Washington needs to craft new rules for the Digital Age](#)
FOREIGN AFFAIRS, Matthew J. Slaughter e David H. McCormick
- ▶ [Understanding the Iran Threat Network](#)
RAND, Ariane M. Tabatabai, Jeffrey Martini e Becca Wasser
- ▶ [Foreign Fighters and the Trajectory of Violence in Northern Mozambique](#)
WAR ON THE ROCKS, Emilia Columbo e Austin C. Doctor
- ▶ [Europe urgently needs a geopolitical purpose](#)
IISS, Nigel Gould-Davies
- ▶ [The Unlikelihood of a War With China and Russia](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman

CALENDÁRIO GEOCORRENTE



REFERÊNCIAS

- **Organização regional para gestão da pesca no Atlântico Sul**
GOLDARACENA, S. [Uruguay wants to work with Argentina and Brazil to protect migratory fish populations](#). **China Dialogue Ocean**, Londres, 31 mar. 2021. Acesso em: 11 abr. 2021.
SALARICHS REYES, M. [Economía Ilícita en los mares sudamericanos](#). **Revista de Academia de Guerra Naval**, Guayaquil, 15 dez. 2020. Acesso em: 15 abr. 2021.
 - **SOUTHCOM: depoimento do Almirante Faller ao Congresso dos EUA**
UNITED STATES. [Statement of Admiral Craig S. Faller](#). **United States Southern Command**, Washington, 15 abr. 2021. Acesso em: 15 de abr. 2021.
UNITED STATES. [Department Of Defense Press Briefing By Admiral Craig Faller, Commander, U.S. Southern Command](#). **U.S. Department Of Defense**, Washington, 11 mar. 2020. Acesso em: 15 de abr. 2021.
 - **Crianças desacompanhadas redesenham crise na fronteira EUA-México**
BEAUREGARD, L. P. [Estados Unidos registra en marzo 171.000 migrantes en la frontera, el mayor número en 15 años](#). **El País**, McAllen, 02 abr. 2021. Acesso em: 03 abr. 2021.
SIEFF, K. [The reason many Guatemalans are coming to the border? A profound hunger crisis](#). **The Washington Post**, Washington, 01 abr. 2021. Acesso em: 03 abr. 2021.
 - **Canal de Moçambique: novo hotspot de insegurança marítima no continente africano**
BREWSTER, D. [The Mozambique Channel May Become the Next Maritime Security Hotspot](#). **The Maritime Executive**, Fort Lauderdale, 24 mar. 2021. Acesso em: 12 abr. 2021.
[Nearly a million going hungry in conflict-hit Mozambique](#). **U.N. says**. **Reuters**, Londres, 13 abr. 2021. Acesso em: 13 abr. 2021.
 - **O custo do petróleo: a pirataria e poluição no Golfo da Guiné**
ASSALA, K. [The History of Exploitation Behind the Gulf of Guinea Piracy](#). **Africanews**, Lyon, 09 fev. 2021. Acesso em: 03 abr. 2021.
ASSALA, K. [The Gulf of Guinea is a Maritime Battleground Over Oil Wealth](#). **Africanews**, Lyon, 12 jan. 2021. Acesso em: 03 abr. 2021.
 - **França: Revisão da Estratégia de Segurança e Defesa Nacional atualizada**
FRANÇA. Ministère des Armées. [Actualisation Stratégique 2021](#). Paris, 2021.
SCHNITZLER, G. [Actualisation stratégique 2021 du ministère des Armées: que retenir?](#). **IRIS**, Paris, 23 fev. 2021. Acesso em: 16 abr. 2021.
 - **Economia egípcia e os obstáculos para seu crescimento**
BANCO MUNDIAL. [The World Bank In Egypt](#). Acesso em: 14 abr. 2021.
ABU ZAID, M. [Egypt forecasts economic growth of 5.4% in 2021/22](#). **Arab News**, Riyadh, 26 mar. 2021. Acesso em: 14 abr. 2021.
 - **A militarização do Mar Negro face ao escalonamento em Donbass**
KRAMER, A. E. [Fighting Escalates in Eastern Ukraine, Signaling the End to Another Cease-Fire](#). **The New York Times**, Nova Iorque, 30 mar. 2021. Acesso em: 13 abr. 2021.
 - PELESCHUK, D. [Ukraine's military poses a tougher challenge for Russia than in 2014](#). **Político**, Kiev, 14 abr. 2021. Acesso em: 14 abr. 2021.
 - **Intensificação da disputa entre China e EUA em torno de Taiwan**
LONDON, B. [China envia 25 aviões de guerra para a zona de defesa aérea de Taiwan, diz Tapei](#). **CNN Brasil**, São Paulo, 13 abr. 2021. Acesso em: 16 abr. 2021.
[Visita de delegação americana de alto nível a Taiwan aumenta a tensão com a China](#). **O Globo**, Pequim, 14 abr. 2021. Acesso em: 14 abr. 2021.
 - **Índia e Paquistão dialogam sobre cessar-fogo: mais do mesmo?**
YOUSAF, K. [Pakistan and India on the cusp of peace?](#). **The Tribune Express**, Carachi, 29 mar. 2021. Acesso em: 30 mar. 2021.
SHARMA, H. [India, Pakistan set to return to dialogue table with Indus water meet today](#). **The Indian Express**, Delhi, 23 mar. 2021. Acesso em: 30 mar. 2021.
 - **Indonésia estreita parcerias para além da dicotomia EUA X China**
GARMAN, L. [France and Indonesia pursue defence relationship in Indo-Pacific](#). **Defence Connect**, Sydney, 15 mar. 2021. Acesso em: 02 abr. 2021.
YAMAGUCHI, M. [Japan, Indonesia Sign arms transfer pact amid China concerns](#). **Defense News**, Tóquio, 31 mar. 2021. Acesso em: 02 abr. 2021.
 - **Os desafios antárticos para a administração Biden**
ATON, A. [It's green and new. But Biden's deal aims for the center](#). **E&E News**, Arlington, 01 abr. 2021. Acesso em: 14 abr. 2021
BORGER, J. [Trump orders fleet of icebreakers and new bases in push for polar resources](#). **The Guardian**, Washington, 9 jun. 2020. Acesso em: 10 abr. 2021
 - **Cabos submarinos no epicentro das disputas hegemônicas**
FOUQUET, H. [China's 7,500-Mile Undersea Cable to Europe Fuels Internet Feud](#). **Bloomberg**, Nova Iorque, 5 mar. 2021. Acesso em: 13 abr. 2021.
FREYMANN, E; ARDISSINO, E. [China and Europe Are Breaking Over Human Rights](#). **Foreign Policy**, Washington, 29 mar. 2021. Acesso em: 13 abr. 2021.
- Capa: [Google's mega-capacity new transatlantic submarine cable is ready for action](#). ZD Net.
Por: Getty Images/iStockphoto
- Os mapas iniciais (pág 03 e 04) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

► ALTO RISCO:

- GOLFO DA GUINÉ — Insegurança marítima conjuntural: [Gulf of Guinea remains world’s piracy hotspot in 2021, according to IMB’s latest figures](#). **International Chamber of Commerce**, 14 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.
- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [UN Security Council welcomes Saudi peace initiative to end Yemeni conflict](#). **Gulf News**, 18 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.
- LÍBANO — Crise estrutural: [Lebanon's army chief tries to draw line between military and rulers as crisis bites](#). **Middle East Eye**, 18 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [Alarma por el número de militares venezolanos muertos de COVID-19 sin asistencia médica o en hospitales provisorios](#). **Infobae**, 19 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Mozambique: ‘Urgent humanitarian aid’ needed by 11,000 at gas complex site – IOM](#). **Macau Business**, 19 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.
- MYANMAR — Golpe militar: [Myanmar ‘parallel government’ pressures junta ahead of ASEAN meeting](#). **Nikkei Asia**, 19 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.
- SOMÁLIA — Instabilidade Eleitoral: [How Somalia become an isomorphic state: All form, no function](#). **The African Report**, 14 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

► MÉDIO RISCO:

- COLÔMBIA — Crise fronteiriça: [Venezuela y Colombia se muestran 'los dientes' en la frontera](#). **BLU Radio**, 17 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.
- ETIÓPIA — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Ethiopia declares state of emergency in Amhara state](#). **Anadolu Agency**, 19 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

• MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN - Avanço chinês sobre as regiões: [Is Southeast Asia waking up to the need for unity in South China Sea?](#). **South China Morning Post**, 19 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

• MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Tensões entre Grécia e Turquia e ocupação do Chipre: [Greek and Turkish foreign ministers trade barbs at meeting](#). **Deutsche Welle**, 15 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

• NÍGER — Aumento da atividade terrorista na região: [At least 19 people killed in west Niger attack](#). **Al Jazeera**, 18 abr, 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

• SÍRIA — Tensões na região sul: [Is al-Qaeda affiliate in Syria's Idlib on its way to demise?](#). **Al Monitor**, 11 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

• UCRÂNIA — Tensões transfronteiriças entre Rússia e Ucrânia: [War or unreality: Why Russia is threatening to escalate the Ukraine conflict](#). **European Council on Foreign Affairs**, 14 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

► MONITORAMENTO:

• AFEGANISTÃO — Instabilidade regional: [Trump blasts Biden's decision to delay Afghanistan withdrawal](#). **Afghan Online Press**, 18 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

• BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: [Belarus Lawmakers Approve Second Reading of Draconian Bills To Limit Freedoms](#). **Radio Free Europe**, 16 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

• BOLÍVIA — Crise político-jurídica: [Parlamentarios opositores viajan a EEUU para presentar 5 denuncias sobre violación de derechos humanos ante organismos internacionales](#). **El Deber**, 19 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

• CÁUCASO — Instabilidade Regional:

1. FRONTEIRA ENTRE ARMÊNIA E AZERBAIJÃO — Conflito na região de Nagorno-Karabakh: [Fury in Armenia as Azerbaijan displays war trophies](#). **Al-Jazeera**, 13 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

2. GEÓRGIA — Protestos da Oposição: [EU Mediates Deal to End Georgia's Political Crisis](#). **Radio Free Europe**, 19 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

• HAITI — Crise institucional: [Haïti: le gouvernement démissionne, un nouveau Premier ministre est nommé](#). **France 24**, 14 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

• IRLANDA DO NORTE — Protestos pelo acordo do brexit: [NI riots: What is behind the violence in Northern Ireland?](#). **BBC News**, 14 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

• LÍBIA — Em cessar-fogo: [Libya's Presidential Council welcomes UNSC monitors' deployment](#). **Libya Observer**, 17 abr, 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

• REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA — Conflito entre governo e forças insurgentes: [7,000 Central African Republic refugees arrive in Chad](#). **Anadolu Agency**, 18 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

• TAILÂNDIA — Retomada de protestos contra a monarquia: [Thailand's democracy protests are dwindling](#). **The Economist**, 10 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.

• PAQUISTÃO — Escalada de protestos violentos: [Islamist party vows to continue fight to expel French ambassador from Pakistan](#). **The Guardian**, 18 abr. 2021. Acesso em: 20 abr. 2021.